

PRIMEIRAS TENTATIVAS DE ORGANIZAÇÃO DOS JARDINS DE INFANCIA EM TERESINA

Zélia Maria Carvalho e Silva¹

Universidade Federal do Piauí – zeliariamariac@gmail.com

A pesquisa sobre a infância recebeu um impulso significativo na historiografia brasileira a partir do movimento da “Nova História Cultural”, que segundo Peter Bukke (1992), proporcionou uma renovação da história, partindo de uma crítica ao modelo historiográfico tradicional e posicionando-se em favor da expansão da variedade de novas abordagens, antes consideradas pouco nobres. Isso trouxe para a área de pesquisa em história da educação uma ampliação acerca de fontes e objetos de investigação.

Segundo as autoras Lopes e Galvão (2001), passa-se cada vez mais a valorizar os sujeitos “esquecidos” da História e a considerar fontes até então tidas como pouco confiáveis e científicas como os sentimentos, emoções e mentalidades. Essas fontes ajudam na reconstrução de um passado.

A discussão das contribuições teóricas de diversos campos do conhecimento voltados à infância mostra que, por muito tempo, a criança não foi concebida na sua condição social de ser histórico político e cultural. Essa concepção é, portanto, recente e foi historicamente construída, mudando ao longo dos tempos, não significando igualmente nem mesmo dentro de uma mesma sociedade e época.

Nas últimas décadas registramos um crescimento no atendimento de crianças menores de sete anos, aliás, não só no Brasil, mas no mundo. Neste contexto histórico, estão presentes a urbanização, a industrialização, a participação feminina no mercado de trabalho, nova organização e estrutura das famílias, solicitando desta forma um espaço para a figura infantil. Vale ressaltar o trabalho do pesquisador francês Philippe Áries (1978), intitulado “História Social da Criança e da Família”, inaugurando uma nova linha de investigação, a história da infância, fornecendo então, parâmetros de pesquisa, articulando infância, história e sociedade. Segundo este autor, existem duas fases históricas que correspondem aos sentimentos de infância:

... o primeiro, difundido e popular, a ‘paparicação’, limitava-se às primeiras idades e correspondia a idéia de uma infância curta; o segmento exprime a tomada de consciência da inocência e da fraqueza da infância e, por conseguinte, do dever dos adultos de preservar a primeira e fortalecer a segunda,

durante muito se limitou a uma pequena minoria de legistas, padres e moralistas (ARIES, 1978, p.186).

Nesse sentido, percebemos que a análise dos estudos desse autor influenciou na transformação da concepção de infância, possibilitando reflexões quanto ao surgimento e as condições de funcionamento das instituições educacionais infantis.

Consideramos importante destacar neste artigo sobre os jardins de infância em Teresina, dentre outros aspectos, os estudos de Kuhlmann Jr. (2003), ao apresentar a história deste nível de ensino sem caráter de obrigatoriedade, como a escola primária, subordinado aos órgãos de saúde pública ou de assistência. Esse caráter de assistência social ou de saúde às crianças na idade pré-escolar, principalmente às crianças pobres, é baseado no Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, de 1932, que segundo este autor prevê o “desenvolvimento das instituições de educação e assistência física e psíquica às crianças na idade pré-escolar (creches, escolas maternas e jardins-de-infância) e de todas as instituições pré-escolares e pós-escolares”.

Neste estudo procuramos esboçar as primeiras tentativas de organização dos jardins de infância em Teresina, na primeira metade do século XX, que surgiu com a criação da Escola Normal Oficial

Na elaboração deste artigo buscamos dar forma e maior visibilidade a este nível de escolarização voltado à infância em Teresina. Dada a raridade das fontes escritas, lançamos mão do recurso metodológico da História Oral, que para Thompson (1992, p. 22):

pode-se certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras.

A história se faz a partir de qualquer traço deixado pelas sociedades no passado e muitas vezes as fontes oficiais são insuficientes para compreensão de variáveis importantes para o processo. Portanto, a documentação não oficial através da análise das falas dos sujeitos, protagonistas da educação nesse período, é uma oportunidade de dar voz e valorizar suas experiências e vivências. De acordo com Bom Meih (veja citação).

Nessa perspectiva, percebemos a escola como um lugar privilegiado de memórias, onde todos os protagonistas do cotidiano escolar passam a fazer parte da construção da história, mantendo um compromisso com o contexto social, representando um avanço e possibilidade de análise social.

Halbwachs (1999) nos lembra que:

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem.

Revivendo através da memória o cotidiano da Educação Infantil da época, Enid Mattos Vieira da Rocha, que hoje encontra-se com 94 anos de idade, aluna e professora da disciplina Trabalhos Manuais e Economia Doméstica, da antiga Escola Normal Antonino Freire, na década de 50, nos forneceu valiosas informações sobre a origem e funcionamento da Escola Modelo, que oferecia turmas de jardins de infância. Segundo seu relato:

Ainda recordo do meu tempo de estudante como aluna da Escola Normal Oficial de Teresina. Era uma escola muito boa e bem equipada, tinha uma biblioteca bem sortida e até um piano de cauda usado nas aulas de música. Dava gosto estudar nesta escola! Saíamos de lá preparados para dar aulas, pois obrigatoriamente tínhamos que passar por um tirocínio na Escola Modelo antes e exercermos nossa profissão e isso era muito bom. A Escola Modelo era anexa à Escola Normal, atendia crianças do primário e também de jardins de infância. Nas três turmas de jardim estudavam crianças de quatro a seis anos de idade. No meu tempo, esta escola era gratuita e recebia principalmente crianças pobres, as mais abastadas estudavam no Colégio Sagrado Coração de Jesus, conhecido como Colégio das Irmãs. Os professores da Escola Modelo faziam parte da fina flor da intelectualidade piauiense. Nessa época o jardim-de-infância não tinha caráter obrigatório, era apenas um lugar onde as crianças ficavam para que

os pais pudessem trabalhar. No trato com as crianças os professores tinham a preocupação de trabalhar o lúdico. [...] Tenho muito o que dizer sobre a Escola Normal e a Escola Modelo. Sou uma memória viva, temos que ter cuidado ao fazer uma pesquisa, não passando somente de relance pelos livros, mas ouvindo também que viveu esta história.

Diante do que foi exposto pela depoente, fica evidente a importância da Escola Normal para a implantação do jardim-de-infância em Teresina. Era a Escola Normal a instituição formadora dos professores absorvidos pelas escolas piauienses, que para sua melhor qualificação passavam pelo estudo prático na Escola Modelo. A Escola Normal Oficial foi criada pelo Governador do Estado do Piauí, Antonino Freire da Silva através da Lei nº 548, publicada em 30 de março de 1910 e regulamentada pelo decreto nº 434 de 19 de abril do mesmo ano, que manda cumprir o Regulamento Geral da Instrução Pública do Estado do Piauí. O artigo 189, parágrafo único, deste regulamento determina que “para o estudo pratico de pedagogia, os alumnos farão exercícios na Escola Modelo, de acordo com os programmas e instrucções, para esse fim organizados”.

Em parte de seu discurso, por ocasião da colação de grau da primeira turma de professorandas da Escola Normal Oficial em 24 de janeiro de 1913, Antonino Freire faz referência à importância do papel da mulher na educação das crianças e dos jardins-de-infância para a revolução dos métodos de ensino, principalmente aqueles aplicados por Pestalozzi, na Suíça, e Friedrich Froebel, na Alemanha, como podemos observar abaixo

Percorrendo o vasto ciclo da atividade humana, vamos encontrar a mulher em todos os pontos. Na política, vemos Catarina da Rússia e Maria Teresa, para só citar dois tipos dos mais culminantes; vemos na literatura e nas artes Madame Stail e Miss Stowe; nas ciências, Sofia Germain, de que Navier dizia que – abordando o problema relativo à teoria matemática do som, resolveu com o auxilio apenas dos cálculos até então instituídos, quando La Grange proclamava a necessidade de novos para a sua solução e escrevera memórias que poucos homens teriam a preparação precisa para ler; temos uma Madame Curie e tantas outras.

Mas, onde quer que enveredemos as vistas, curiosos de esmiuçar os feitos nobilitantes da mulher,

pelas paragens ignotas onde soluça a dor, a fome e a miséria, encontramos-na na posição de Samaritana, levando no cântaro de águas cristalinas e frescas a consolação aos que padecem e enchendo de alegria o escuro Cairel dos que apenas sonham as aleluias de um sol ideal que alimenta a flor das esperanças. É preciso que vêmo-las, devotadas até o sacrifício, dedicarem-se de corpo e alma à educação das crianças. Como muito bem disse um nosso laureado patricio – duas fraquezas encontram-se no caminho da vida: a mulher e a criança. E da sua união, nasceu a fortaleza da solução do problema do ensino. A revolução produzida por Pestalozzi, visando resolver o problema do ensino, transpôs as fronteiras suíças e alastrou-se por toda a Europa. Frederico Froebel, na Alemanha, desenvolveu submetendo-o a novas formas e, sem embargo dos embaraços que os seus inimigos criam a um novo método de ensino, consegue triunfar. Ainda obscuro, mestre-escola de uma pobre aldeia da Turíngia, institui os jardins-de-infância e entrega-os à mulher. Foi esta, assim, a melhor colaboradora nos novos métodos de ensino, porque foi graças aos jardins-de-infância, que as reformas de Pestalozzi e de Froebel mais rapidamente se propagaram. Dos fundos dessa pobre aldeia da Turíngia, os jardins-de-infância se alastraram por toda parte, produzindo nos métodos pedagógicos a profunda revolução que presenciamos. Hoje, não há governo, não há povo que não tenha por melhor fortuna o ensino moldado nos novos métodos. O papel dos mestres, melhor compreendido, avulta constantemente aos olhos de todos os espíritos previdentes que os consideram: “Not merely leaders of children; but malrers, oh society”.

No que se refere a organização curricular da Escola Normal Oficial e através de uma análise comparativa das cadeiras oferecidas pelo curso no ano de sua criação em 1910 e no seguinte, em 1911, apresentadas nos quadros abaixo, podemos afirmar que havia uma preocupação crescente com a formação dos professores e que muitas disciplinas tais como Metodologia, Desenho, Música, Trabalho Manuais, Higiene, Ginástica poderiam colaborar para a atuação destes em salas de jardins de infância, desenvolvendo nas crianças sua coordenação motora, sua criatividade, sua percepção e cuidados com o corpo.

1º ANO	2º ANO	3º ANO
Português	Português	Literatura Portuguesa
Francês	Francês	EMC
Aritmética	Geometria	Noções de Física, Química e Meteorologia
Geografia e Cosmografia	História Universal e do Brasil	Noções de História Natural, Agronomia e Higiene
Desenho	Desenho	Desenho e Caligrafia
Música	Música	Musica
Trabalhos de agulha	Trabalhos de agulha e Cartografia	Trabalhos de agulha e Cartografia
		Metodologia Pedagogia

Quadro 1 – Currículo da Escola Normal Oficial – 1910

Fonte: Decreto 434 de 19/04/1910

1º ANO	2º ANO	3º ANO	4º ANO
Português	Português	Português	Literatura
Francês	Francês	Francês	Economia Domestica
Aritmética	Aritmética e Algebra	Geometria e Trigonometria	Hist. da Civilização e do Brasil
Geografia	Geografia e Cosmografia	História Natural, Zoologia e Botânica	História Natural, Mimeralogia e Geologia
Desenho	Desenho	Desenho	Desenho
Música	Música	Música	Música
Trabalhos Manuais	Trabalhos Manuais	Trabalhos Manuais	Trabalhos Manuais
Ginástica	Pedagogia	EMC	EMC
	Metodologia	Pedagogia	Pedagogia
	Física e Meteorologia	Metodologia Física, Química e Meteorologia	Metodologia Economia Rural e Higiene
		Arboricultura, Horticultura e Jardinagem	

Quadro 1 – Currículo da Escola Normal Oficial – 1911

Fonte: Soares (2000 , p.80)

Referências Bibliográficas

- ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- BOM MEIHI, José Carlos Sebe. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- ESCOLA NORMAL ANTONINO FREIRE. **Parte do discurso proferido pelo Governador Antonino Freire por ocasião da**

colação de grau da primeira turma de professorandas da Escola Normal Oficial em 24 de janeiro de 1913. Teresina, [19—]. Datilografado.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990.

KUHLMANN JR, Moyses. Educando a infância brasileira. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Auntêmica, 2000a (2. ed., 2000, 3. ed., 2003), p. 469-496.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

PIAUHY, **Leis e decretos do Estado do Piauí do ano de 1910**. Lei nº 548, publicada em 30 de março de 1910. Reforma a instrução pública do Estado. Teresina: Imprensa Oficial, 1910.

PIAUHY, **Leis e decretos do Estado do Piauí do ano de 1910**. Decreto nº 434, publicado em 19 de abril de 1910. Expede regulamento para a instrução pública do Estado. Teresina: Imprensa Oficial, 1910.

ROCHA, Enid Mattos Vieira da. **Depoimento** concedido à pesquisadora Zélia Maria Carvalho e Silva para realização deste artigo, maio 2006.

SOARES, Norma Patrícia Lopes. **Escola Normal em Teresina (1864-2003)**: reconstruindo uma memória da formação de professores. Teresina, 2004. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina; 2004.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

NOTAS

¹ Mestranda em Educação – Universidade Federal do Piauí (UFPI) – zeliariamariac@gmail.com